

A Produção do Conhecimento Geográfico

5

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 5

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 5 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-82-6

DOI 10.22533/at.ed.826181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A Produção do Conhecimento Geográfico” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, que apresenta, em seus 14 capítulos, discussões de diferentes vertentes da Geografia física, com ênfase nos espaços geográficos.

A Geografia física engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social, bem como suas relações com a natureza.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia física, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação de trabalho, mas também são incluídos fatores como riscos, vulnerabilidade, sustentabilidade, conservação, recuperação.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia física, apresenta artigos alinhados com a estudos da natureza. A importância dos estudos geográficos dessas vertentes, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

ESTUDOS DE GEOGRAFIA FÍSICA DO TERRITÓRIO

CAPÍTULO 1	1
DISCUSSÕES SOBRE A ANÁLISE ESPACIAL DA VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	
Maiara Santos Silva Elizabeth M ^a F. R. de Souza	
CAPÍTULO 2	10
“ENTRE AS ÁGUAS DO RIACHÃO”: TRAJETÓRIAS DE LUTAS, RESISTÊNCIAS E CONFLITOS AMBIENTAIS NO NORTE DE MINAS GERAIS	
Adinei Almeida Crisóstomo Rômulo Soares Barbosa	
CAPÍTULO 3	22
A USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO (MA) E OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS EM BABAÇULÂNDIA (TO)	
Súsie Fernandes Santos Silva Airton Sieben	
CAPÍTULO 4	33
AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS NO MUNICÍPIO DO RIO GRANDE A PARTIR DA INTRODUÇÃO DO PÓLO NAVAL.	
Maristel Coelho San Martin Solismar Fraga Martins	
CAPÍTULO 5	42
DIAGNÓSTICO DAS ÁGUAS DO EMPREENDIMENTO HIDROELETTRICO FOZ DO RIO CLARO (GO)	
Pollyanna Faria Nogueira João Batista Pereira Cabral	
CAPÍTULO 6	54
DIAGNÓSTICO SOCIOAMBIENTAL DO ASSENTAMENTO SANTA RITA, MUNICÍPIO DE JATAÍ (GO)	
Jordana Rezende Souza Lima Mainara da Costa Benincá Vilson Souza Queiroz Junior Hildeu Ferreira da Assunção	
CAPÍTULO 7	68
O DISCURSO SOCIOAMBIENTAL NA PRODUÇÃO DE TESES DA GEOGRAFIA BRASILEIRA	
Leandro Rafael Pinto	

CAPÍTULO 8	85
PAISAGEM E ESPAÇO: CONCEITOS-CHAVE DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA RE-SIGNIFICADOS A PARTIR DA CRÍTICA AOS PARADIGMAS DA SOCIEDADE MODERNA E OCIDENTAL COMO A DICOTOMIA ENTRE CULTURA E NATUREZA E O DISCURSO DE NARRATIVA ÚNICA ¹	
Yanci Ladeira Maria	
CAPÍTULO 9	94
ANÁLISE DA COBERTURA VEGETAL NO VARJÃO DO RIO PARANAPANEMA, MUNICÍPIO DE ROSANA-SP: UM ESTUDO PARA A CRIAÇÃO DE UM CORREDOR ECOLÓGICO ¹	
Diogo Laércio Gonçalves Messias Modesto dos Passos	
CAPÍTULO 10	105
BELO MONTE E DES-ENVOLVIMENTOS NA AMAZÔNIA	
Ivana de Oliveira Gomes e Silva Antônio Thomaz Jr. Paulo Lucas da Silva	
CAPÍTULO 11	116
GEOGRAFIA HISTÓRICA DA PAISAGEM E GEOINDICADORES DE IMPACTO NO MEIO FÍSICO NAS PCHs RIO DO PEIXE 1 E 2 (1925 - 2016)	
Edson Alves Filho Sueli Angelo Furlan	
CAPÍTULO 12	129
IMPLICAÇÕES TERRITORIAIS DA ALTERAÇÃO DO CÓDIGO FLORESTAL NO CERRADO – ESTUDO DE CASO NA BACIA DO RIBEIRÃO ÁGUA LIMPA, UBERLÂNDIA - MINAS GERAIS	
Oberdan Rafael Pugoni Lopes Santiago Gelze Serrat de Souza Campos Rodrigues	
CAPÍTULO 13	138
DA INDÚSTRIA DO PETRÓLEO A INDÚSTRIA DO CINEMA: IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO MUNICÍPIO DE PAULÍNIA (SP)	
Fernanda Farias Baptista da Silva Lindon Fonseca Matias	
CAPÍTULO 14	153
UTILIZAÇÃO DE IMAGENS DE SENSORIAMENTO REMOTO E DO SISTEMA TERRAHIDRO PARA O ESTUDO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIBEIRÃO DO MANDAGUARI, SP	
Paulo Roberto Vagula José Tadeu Garcia Tommaselli	
SOBRE A ORGANIZADORA	161

PAISAGEM E ESPAÇO: CONCEITOS-CHAVE DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA RE-SIGNIFICADOS A PARTIR DA CRÍTICA AOS PARADIGMAS DA SOCIEDADE MODERNA E OCIDENTAL COMO A DICOTOMIA ENTRE CULTURA E NATUREZA E O DISCURSO DE NARRATIVA ÚNICA¹

Yanci Ladeira Maria

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia.
São Paulo – SP

RESUMO: Este artigo pretende abordar a ressignificação de conceitos-chave para a ciência geográfica, no caso, os conceitos de paisagem e de espaço. Para tanto, traz, para o debate interno à geografia, o diálogo com concepções teóricas contemporâneas sobre a relação entre cultura e natureza e a crítica ao discurso de “narrativa única” (ocidental) da história, em evidência nos campos da antropologia e da teoria do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; espaço; dicotomia natureza/cultura

ABSTRACT: This article intends to address the re-signification of key concepts for geographic science, in this case, the concepts of landscape and space. To this end, it brings, for the internal debate on geography the dialogue with contemporary theoretical conceptions on the relation between culture and nature and the critique of the “only one narrative” Western

discourse, which are in evidence in the fields of anthropology and the theory of knowledge.

KEY-WORDS: Landscape; space; dichotomy nature/culture

1 | O CONCEITO DE PAISAGEM SOB A PERSPECTIVA DE CULTURA-NATUREZA

O conceito de paisagem, ou melhor, a maneira de ver o mundo enquanto paisagem tem sua origem atrelada ao início da modernidade europeia, sobretudo às concepções que se formavam, naquele momento, sobre a natureza e o conhecimento. Ou seja, a paisagem enquanto forma de ver o mundo surge vinculada aos paradigmas de cisão entre cultura e natureza e entre sujeito e objeto, que também são os pilares da ciência. A partir do modo de vida e da organização social que se desenvolvia nas cidades europeias nos séculos XVI e XVII tornou-se forte o sentimento de estar *diante* do mundo, da natureza que deve ser estudada e da paisagem que é vista. Já não mais reinava a relação de parte de um todo, mas sim de um outro à parte, início da individualização (e individualismo). A paisagem aparece, então, como um conceito que vem para representar

1. Este artigo resulta da pesquisa realizada para a tese de doutorado da autora “Paisagem: cultura-natureza em perspectiva. Uma abordagem trajetiva do conceito de paisagem” (MARIA, 2016), que recebeu financiamento em forma de bolsa de estudos do CNPq.

esta natureza, que já é separada, distanciada, e que já não é total, pois pode ser parcelada.

Antropólogos como Philippe Descola e Eduardo Viveiros de Castro, entre outros, classificam esta forma de relacionamento entre humanidade e mundo como ontologia naturalista, ou naturalismo moderno. Na base desta relação, como bem aponta Viveiros de Castro (2002), há uma tensão constante entre a ideia de uma unicidade da natureza – mesma matéria que compõe os seres vivos e elementos não vivos – e o dualismo entre cultura e natureza.

Esta relação também poderia ser chamada de *ecumenal*. De acordo com Augustin Berque (1996, 2011), a relação ecumenal, ou a ecúmena, é a relação da humanidade com a Terra, ou seja, a Terra enquanto ela é habitada pela humanidade e a humanidade enquanto ela habita a Terra (BERQUE, 1996, p.78). Na relação ecumenal, todas as coisas e relações são carregadas de sentido e de valor: “*Ela implica em uma certa ética, porque todos os lugares são, sempre, carregados de valores humanos*” (BERQUE, 1996, p.80).

Ver o mundo enquanto paisagem também se enquadra nesta tensão entre o “monismo naturalista” e o “dualismo ontológico natureza/cultura” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.365). A paisagem, desde o início desta concepção, apresentou uma ambivalência entre o sensível e o factual, entre o estar *diante de* e se sentir *parte* do mundo (ou natureza). Ela é pautada na cisão entre cultura e natureza, mas, ao mesmo tempo, busca uma ligação entre as partes cindidas, mesmo nas questões a respeito da sua materialidade e imaterialidade, da sua interioridade e exterioridade.

No entanto é preciso ressaltar que existem outras comunidades humanas que se relacionam com o mundo de outras formas. E que não há o privilégio da verdade apenas para uns, aqueles que se inserem na visão naturalista do mundo. Assim, vale lembrar que esta maneira de ver o mundo, a paisagem, não esteve sempre aí, ou melhor, lá, vista da janela. Nós aprendemos a ver a paisagem, a apreender o que vemos enquanto paisagem, como também somos *reprodutores* desta forma de ver o mundo.

E a partir deste ponto, é possível começar a questionar esta visão de mundo que reproduzimos, e porque reproduzimos. E então, repensar os significados que podem ser atrelados aos conceitos dos quais somos *reprodutores*.

Atualmente, a crítica à divisão entre cultura e natureza, mesmo que não hegemonicamente, vem encontrando espaço na academia, como a crítica à ciência vem despontando de dentro da própria ciência. Estas críticas não têm a intenção de desconsiderar o conhecimento científico moderno, partindo do zero para construir alguma coisa nova. Mas este é um momento de revisão, de ajustes, com o propósito de buscar outros rumos, direcionamentos, tanto para a prática científica como para a nossa relação com o mundo, sobretudo porque estão engajadas.

Este artigo propõe a ligação do conceito de paisagem com o debate a respeito da relação entre cultura e natureza, sobretudo a partir do debate que procura superar,

ou dissolver a dicotomia imposta a esta relação. Como mostra Bruno Latour (1994), a cisão entre natureza e cultura ocorre muito mais no discurso da modernidade do que na prática cotidiana. Conforme o autor, a sociedade ocidental moderna, a todo momento, realiza um trabalho de mediação e hibridação entre natureza e cultura, tanto quanto as outras sociedades humanas, mas que estas, ao assumirem esta mediação, são consideradas pré-modernas, enquanto a primeira nega essa mediação através de um discurso de purificação, que separa o que é cultura e o que é natureza, o que são as coisas em si, o que são os fatos e o que é o discurso (narrativa), e por isto é moderna.

O antropólogo Tim Ingold (2013) realiza a dissolução da cisão entre cultura e natureza, trazendo o enfoque das interações e interrelações entre os seres vivos e não vivos, entre organismo e ambiente. Este autor volta-se para o que chama de ‘ecologia da vida’, partindo da dissolução das dicotomias entre corpo e mundo e entre corpo e espírito para elaborar a concepção de organismo-pessoa, pautada na interligação entre corpo-mente-mundo. Os seres se desenvolvem junto ao ambiente em que vivem e vice-versa, o ambiente não existe fora das relações entre os seres que nele vivem, e entre os seres e o próprio ambiente.

Se procurarmos ir além das dicotomias que opõem as partes, procurando compreender os trajetos, as ligações, as tramas que tecem as relações, é possível ampliar o conceito de paisagem, para além daquilo que é distante, para aquilo que nos concerne, que nos diz respeito.

Esta abordagem da paisagem dialoga com a trajetividade apresentada por Augustin Berque. Conforme aponta Berque (2011, p.211), a trajetividade das coisas na relação da humanidade com a Terra significa que o ambiente não pode ser considerado como um simples objeto exterior, mas, sim, um meio que participa da existência humana e da vida. A abordagem trajetiva da paisagem caminha nesta direção. Ela compreende o trajeto, o caminho que é reversível, uma incessante troca na interação e relação entre o físico e o fenomênico, entre o material e o imaterial, entre o ambiente, os seres, os corpos, os valores humanos, o agir e o pensar. É possível, nesse sentido, o entendimento de que os seres humanos participam da paisagem, como a paisagem participa dos seus corpos, individuais e coletivos – objetiva e subjetivamente.

Não se pretende reduzir a paisagem às sensações ou à uma visão ‘culturalista’, mas sim trazer à tona o seu papel ativo e *transformador*. Compreende-se aqui que a transformação de uma paisagem afeta os seres que a compõem e vice-versa. A relação é trajetiva, em todos os níveis – do organismo à predicação – envolvendo, no ser humano (corpo-mente-mundo) o sentido imaginário em todas as suas relações.

A paisagem há muito deixou de ser só da natureza, ela representa uma relação humana com o mundo. E o mundo humano não é cindido entre o natural e o cultural. E, se nossa sociedade apreende o mundo enquanto paisagem, podemos pensar sobre qual relação com mundo desejamos a partir da nossa relação com a paisagem, a que temos e a que queremos.

Se passarmos a compreender as tramas que formam a natureza-cultura que fundamenta a nossa experiência humana e terrena, a paisagem também pode deixar de representar o distante que é apreendido pelo olhar e passar a ser apreendida polissensorialmente, passa a ser o onde somos, o que habitamos e habita em nós, o que construímos e que nos constrói, o que experienciamos com o nosso corpo, nossas concepções e emoções. E, assim, ressaltar o seu potencial ativo e transformador, inerente à relação dos seres humanos com a paisagem.

Esta resignificação do conceito de paisagem se desenvolve com base nas proposições de Augustin Berque e Jean-Marc Besse, e a partir dos diálogos com o debate que se faz presente na antropologia sobre os conceitos de natureza e de cultura, realizando a crítica ao seu entendimento baseado na cisão e oposição entre os termos (Philippe Descola; Tim Ingold) e, também, com o campo da teoria do conhecimento, que realiza a crítica sobre a ciência ocidental moderna (Bruno Latour; Boaventura de Sousa Santos).

É preciso trazer para a geografia a dissolução da ruptura entre cultura e natureza, a partir do entendimento das relações e interações entre os seres e as coisas ao longo de suas vidas, co-formando a si mesmos e o ambiente onde vivem (INGOLD, 2013). Cultura e natureza não são dissociáveis, na medida em que não podemos dissociá-las nos próprios seres humanos. A paisagem decorrente desta abordagem passa a ser entendida não mais como o que vemos e somos capazes de analisar por estarmos fora dela, mas é compreendida como algo que faz parte de nós e de nossas vidas: fazemos parte dela formando-a, ao mesmo tempo em que ela também nos forma, numa relação que acontece simultaneamente cultural e naturalmente. Tanto nas nossas concepções como em nosso próprio corpo.

Desta forma, defende-se uma revisão do conceito de paisagem realizada sob a luz desta perspectiva de cultura-natureza e da participação e co-construção, e não mais da dicotomia entre estes termos (concepção moderna de paisagem). Uma concepção da paisagem que abrange a concepção de engajamento com o mundo e com os sentidos (corporais, mentais, espirituais), chamada de polissensorialidade, mas que vai além da inserção perceptiva (sensorial) ao debate, pois requer a relação e a integração corpo-mente-mundo.

E, nesse contexto, cabe chamar a atenção para a questão da “transposição” dos “nossos” paradigmas (ocidentais modernos) para outros povos e grupos sociais, como por exemplo, quando pensamos a paisagem como um conceito universal. Como aponta Augustin Berque, a interpretação que temos da relação entre sociedade e ambiente, em termos de paisagem, é “*historicamente datada e marcada por um contexto singular de um certo modo de vida em uma certa época*” (1994, p.17). E, assim sendo, como os modos de vida e os contextos históricos-geográficos são móveis, ou, usando a expressão de Doreen Massey, são *vívidos*, estão em constante movimento e transformação, os conceitos que fundamentam nosso agir-pensar também devem se permear por esta *vivacidade*.

2 | O CONCEITO DE ESPAÇO E O DISCURSO DE “NARRATIVA ÚNICA”

A paisagem, assim entendida, pode ser abrangida pela concepção de espaço da geógrafa Doreen Massey (2008). Esta autora, em sua obra *Pelo Espaço* (2008), destituiu o espaço de sua compreensão como oposição ao tempo (objetificável e neutro) e o reconstituiu como espaço interacional e relacional. Massey se posiciona criticamente à imaginação espacial, difundida nas teorias-práticas modernas, que concebe o espaço como algo dado, uma superfície a ser cruzada, ou sobre a qual nos localizamos. Este entendimento nos leva a conceber outros lugares, povos e culturas, simplesmente como um fenômeno “sobre” essa superfície, servindo como base para os discursos de narrativa única da história e de difusão da ocidentalização capitalista pelo mundo. Massey propõe a compreensão do espaço como multiplicidades de trajetórias e de coexistências contemporâneas, concebendo o espaço como heterogeneidade e abertura.

Se do ponto de vista das ciências naturais o ambiente é visto como um objeto universal (naturalismo moderno), para Berque não é possível abstrair o meio da história, sempre singular às sociedades humanas. Assim como para Massey, o espaço geográfico também não pode ser concebido a partir de uma universalidade neutra, mas sim atrelado aos seus habitantes.

Doreen Massey aponta três proposições para a sua concepção espacial, ou para a “abordagem alternativa do espaço” que defende. A primeira reconhece o espaço como “*o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno*” (MASSEY, 2008, p.29). A segunda proposição compreende o espaço como:

a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. (MASSEY, 2008, p.29).

E a terceira, reconhece o espaço

como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se, jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço com uma simultaneidade de estórias-até- agora. (MASSEY, 2008, p.29).

A partir destas proposições, o espaço é concebido como espaço aberto e interrelacional, no qual há sempre conexões ainda por serem feitas, justaposições potenciais a germinar ou não em interação, relações que podem ou não acontecer.

Aqui, então, o espaço é, sem dúvida, um produto de relações (primeira proposição), e para que assim o seja tem de haver multiplicidade (segunda proposição). No entanto, não são relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual, como se diz, tudo (já) está relacionado com tudo. O espaço jamais poderá ser

essa simultaneidade completa, na qual todas as interconexões já tenham sido estabelecidas e no qual todos os lugares já estão ligados a todos os outros. Um espaço, então, que não é nem um recipiente para identidades sempre-já constituídas nem um holismo completamente fechado. É um espaço de resultados imprevisíveis e de ligações ausentes. Para que o futuro seja aberto, o espaço também deve sê-lo. (MASSEY, 2008, p.32).

Esta a concepção de espaço de Massey vem em contraposição à sua redução à superfície, homogeneidade, localização e à *“uma dimensão para a exposição/representação de diferentes momentos no tempo”*, que está implícita. Esta imaginação espacial acaba por imobilizar as trajetórias de outros, pois *“o desafio real da contemporaneidade dos outros pode ser desviado ao os relegarmos a um passado retrógrado, antiquado, arcaico”* (MASSEY, 2008, p.26) – discurso da “narrativa única”. A autora propõe, então, a compreensão do espaço como multiplicidades de trajetórias e de coexistências contemporâneas (que a autora também denomina de existência “coetânea” e “coetaneidade”), propõe o espaço como heterogeneidade e abertura.

Massey alerta que o modo como concebemos e imaginamos o espaço tem seus efeitos e implicações políticas e sociais, mesmo que não estejamos pensando nele diretamente, o que também vale para o conceito que temos de tempo. Como exemplo, a autora critica o discurso da inevitabilidade da globalização em seus moldes capitalista e neoliberal, que propaga a globalização como uma força da natureza e não um projeto (assim, o projeto em si não é questionado). Esta globalização – sinônimo da ocidentalização capitalista do mundo – é então entendida como algo inevitável e decorrente do processo evolutivo da história, da linearidade, ou melhor, da flecha do tempo. Esta proposição, segundo a autora, transforma o espaço em tempo. Os lugares e seus habitantes são inseridos no discurso da “narrativa única”, da “inevitabilidade” da história, pois, em algum momento, todos devem culminar nos moldes da sociedade ocidental moderna e capitalista. Desta forma, a abertura para a construção de futuros diferentes (e próprios) lhes é negada: *“Não é uma manobra inocente; desta forma, eles ficam desprovidos de história (...) Lá estão eles, no espaço, no lugar, sem suas próprias trajetórias”* (MASSEY, 2008, p.23).

O discurso de uma “narrativa única” ou de “unicidade da história” faz parte da propagação de valores da modernidade ocidental capitalista, que determina que o futuro histórico de toda humanidade é (ou deve ser) a civilização moderna ocidental. Dessa maneira, a multiplicidade de outras sociedades e suas relações e interações no e com o espaço são relegadas a um passado histórico, são atrasadas, representam o a-histórico ou o primitivo. E, ainda mais, são todas colocadas do lado de lá de um grande divisor, como nos mostra Latour (1994), que separa todas as outras culturas da cultura Ocidental, a qual não seria apenas uma cultura, mas a única detentora da história e da verdade do mundo natural e social, por meio da ciência e do direito.

Esse modelo não permite a co-presença, a contemporaneidade radical do que lhe é diferente. Nesse sentido, no cerne da concepção de “narrativa única” encontram-se as concepções de espaço neutro (superfície já pronta, dada), de tempo e história

lineares e progressivos, bem como a concepção de sociedade primitiva.

Desconstruir e não mais propagar o discurso da “narrativa única”, do telos da sociedade moderna ocidental e capitalista, é uma maneira de abriremos novas e outras perspectivas de futuro, como propõe Doreen Massey. Para tanto, faz-se necessária a revisão dos paradigmas da modernidade e das suas extensões às concepções de espaço, de paisagem, e tantas outras.

Não devemos encarar o futuro como algo que está fechado, delimitado por esta “narrativa única” (civilização capitalista ocidental), como também, não podemos desconsiderar as circunstâncias e contingências que não determinam o ponto de chegada, mas, pertencem ao caminho bem como constroem-se junto a ele – as tramas de relações onde a vida se desenrola.

Como propõem Bruno Latour e Boaventura de Sousa Santos, as soluções para os problemas presentes e futuros devem partir da co-presença de diferentes concepções do que é o mundo e do que é o conhecimento. Neste sentido, como coloca Sousa Santos “*Implica conceber simultaneidade como contemporaneidade, o que requer abandonar a concepção linear de tempo*” (SOUSA SANTOS, 2007, p.85), a tal “*flecha irreversível do tempo*” que nos aponta Latour, a qual já “*não podemos mais assinalar*” (LATOURE, 1994, p.15).

3 | CONSIDERAÇÕES

Como apresentado neste artigo, o conceito de paisagem, a partir do qual passamos a olhar o mundo ao redor e enxergar e descrever diferentes paisagens, tem sua origem vinculada a certa ruptura, pautada no discurso que separa, procura distinguir o que é cultura e o que é natureza. Esta concepção é fundamental às concepções modernas de entendimento do mundo e que têm a ciência como forma hegemônica de conhecimento deste mundo. E, a partir do momento em que se coloca esta visão, apesar de hegemônica, como uma entre outras maneiras da relação humana com o mundo, é possível repensar a sua reprodução, sua co-formação, sua transformação.

Mesmo que estas rupturas e modos de pensar-agir o mundo não pertençam a todas as vivências humanas, elas têm um poder dominante, hegemônico, possuem uma interferência global que carrega consigo mesmo aqueles que não lhe adotam ou lhe reconhecem (no sentido de dar reconhecimento) enquanto caminho.

Há uma imaginação espacial hegemônica que concebe o espaço como uma superfície neutra, como homogeneidade, localização, não se atém às suas singularidades. Como acontece com a paisagem, esta concepção vincula-se ao desenvolvimento científico e aos paradigmas dualistas da modernidade ocidental. Muitas vezes esta imaginação espacial não é diretamente pensada, mas está encoberta pela relação de oposição entre espaço e tempo, como também encontra-se por trás dos discursos da “inevitabilidade” e de uma “narrativa única” da história

e da ocidentalização capitalista do mundo. Estes discursos são apresentados como se houvesse uma linha evolutiva das sociedades humanas, uma linha progressiva do tempo, cujo modelo final (e único a ser seguido) é o das sociedades modernas capitalistas (neoliberais).

A crítica a esta concepção hegemônica de espaço trazida pela geógrafa Doreen Massey (2008) vem ao encontro de proposições que questionam e visam transformar os paradigmas da ciência moderna, como as de Boaventura de Sousa Santos e Bruno Latour, como também, da proposição de Tim Ingold a respeito da restituição de uma relação ativa e dinâmica com o ambiente, ou 'ecologia da vida'. A autora alerta para as questões políticas que estão sempre conectadas aos conceitos que orientam o agir-pensar.

imaginar o espaço como sempre em processo, nunca como um sistema fechado, implica insistência constante, cada vez maior, dentro dos discursos políticos, sobre a genuína abertura do futuro. (MASSEY, 2008, p.31).

Desta maneira, chama-se a atenção para que, nós geógrafos, busquemos os pontos de confluência entre as questões a respeito da possibilidade de abertura do futuro, da co-constituição do mundo, da aceitação das multiplicidades das trajetórias, da co-presença radical e contemporânea, das abordagens trajetiva e interrelacional e da responsabilidade política que envolve a prática científica e suas proposições teórico-conceituais.

Colocam-se, então, os desafios para a germinação de um debate na geografia pautado na dissolução da dicotomia natureza-cultura e nas abordagens interacionais da formação das paisagens e da conceituação espacial, para que enfim possam servir de base, não apenas para uma visão de mundo restrita ao meio acadêmico, mas às práticas sociais cotidianas em diversos campos como educação, políticas públicas, pesquisas científicas, planejamento territorial, conservação patrimonial e ambiental, etc.

REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. **A ecúmena: medida terrestre do Homem, medida humana na Terra**. in: SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord). *Filosofia da Paisagem – Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia Universidade de Lisboa, 2011, pp. 187-199.

BERQUE, Augustin. **La pensée paysagère**. Paris: Archibooks, 2008.

BERQUE, Augustin. **Médiance. De Millieux en Paysages**. 2e. ed.. Paris: Belin/Reclus, 2000.

BERQUE, Augustin. *Être humains sur la Terre. Principes d'éthique de l'écoumene*. Paris : Gallimard, 1996.

BERQUE, Augustin. (dir). **Cinq Propositions pour une théorie du paysage**. Seyssel: Champ Vallon, 1994.

BESSE, J -M. **Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar**. Trad. Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. GEOUSP – Espaço e Tempo (Online) São Paulo v. 18 n. 2 p. 241-252, 2014b.

BESSE, Jean-Marc. **Le Goût du Monde**. Exercices de paysage. France : ACTES SUD/ENSP, 2009.

DESCOLA, Philippe. **Par-delà nature et culture**. Paris : Bibliothèque des Sciences humaines. Gallimard, 2005.

DESCOLA, Philippe; PÁLSSON, Gísli. **Introducción**. in: DESCOLA, P. & PÁLSSON, G. (coords) *Naturaleza e Sociedad. Perspectivas Antropológicas*. México: Siglo Veintiuno, 2001.

INGOLD, Tim. **Marcher avec les dragons**. France : Zones sensibles, 2013.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. in: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MARIA, Yanci Ladeira. **Paisagem: cultura-natureza em perspectiva. Uma abordagem trajetiva do conceito de paisagem**. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, FFLCH, 2016.

MARIA, Y. L. **Paisagem: Entre o sensível e o factual. Uma abordagem a partir da geografia cultural**. Dissertação de mestrado. São Paulo, USP, FFLCH, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Para além do pensamento abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Novos Estudos*, n.79. Novembro, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena** (capítulo 7). In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. *A Inconstância da Alma Selvagem e Outros Ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2002.

